

Idílio e memória nos escritos kunderianos

Eliana Pires Rocha

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC/SP

RESUMO

Ideologias totalitárias com pretensões à instituição de um credo universal ameaçaram a produção literária romanesca cujo espírito é ligado à relatividade e à ambiguidade humana. Kundera denunciou a crença idílica numa sociedade imemorial que subtraiu o presente em nome de um futuro *feliz* existencialmente inexitoso. A exploração da temporalidade aponta para uma memória forjada sob a opressão e o exílio experienciados pelo autor, que leva, desde o passado, algo para dentro do presente, a despeito de uma transformação contínua que atua sobre ela. Posicionando-se em torno dos efeitos temporais sobre a memória nas obras *A brincadeira* e *A ignorância*, postula o autor que estamos resignados ao concreto do tempo presente. Difusa, em constante evolução e permanente fluxo, toda lembrança evocada se sujeita aos filtros do presente e ao inusitado que essa atualização importa.

PALAVRAS-CHAVE: Kundera. Idílio. Memória.

ABSTRACT

Totalitarian ideology with pretensions to the institution of a universal creed threatened literature novel whose spirit is linked to relativity and human ambiguity. Kundera denounced the idyllic immemorial belief in society that subtracted the gift on behalf of a happy future existentially unsuccessful. The exploration of temporality points to a memory forged under oppression and exile experienced by the author, which leads from the past, something inside of this, despite an ongoing transformation that operates on it. Positioning yourself around the temporal effects on memory in the works *The play* and *Ignorance*, the author proposes that we are subjected to this time. Diffuse, constantly evolving and continuous flow, all recollection evoked is subject to gift filters and unusual that this update implies.

KEYWORDS: Kundera. Idyll. Memory.

Partindo de uma interpelação à força socialmente nefasta do aparelho estatal autoritário sobre a subjetividade, os romances de Milan Kundera, produzidos desde a antiga Tchecoslováquia, esboçam as possibilidades humanas do sujeito histórico no seio do seu tempo. Idílio, memória, nostalgia e pertencimento integram, sob distintas nuances, uma temática literária enfrentada recorrentemente por meio dos egos imaginários que povoam suas obras.

Seus escritos psicológicos adquiriram um caráter universal em virtude da denúncia formulada em torno da ditadura do idílio (BARROSO; RICHARD, 2014, p. 4), baluarte originário das doutrinas socialistas. Em *A brincadeira*, seu primeiro romance, Kundera já se debatia com representações da memória. Tocadas pela temporalidade, as lembranças desse fundo memorial serviram como motes para enfrentar a experiência do retorno. Caros à obra conjunta kunderiana, os mesmos temas são resgatados três décadas mais tarde no romance *A ignorância* desde a ótica do exílio. Os dois trabalhos compõem universos nos quais os personagens atraem para si experiências provocadas pelas conjunturas histórico-políticas vividas na Tchecoslováquia. Contudo, pretende o autor que a história seja compreendida e analisada, não como um dado factual, senão como uma circunstância existencialmente reveladora para o homem (Kundera, 2004, p. 29).

O Idílio

Com um olhar eminentemente contemporâneo, Kundera descortinou as inspirações opressoras de base stalinista que informavam as práticas estatais do seu país. Presente no cenário europeu no curso do século XX, uma ideologia totalitária com pretensões à instituição de um credo universal não controvertido ameaçou a produção literária romanesca cujo espírito, ao inverso, é profundamente ligado à descoberta da plasticidade das decisões pessoais e da situacionalidade dos valores (ECO, 1991, p. 56). Por isso, “O totalitarismo é um idílio” (FUENTES, 2015, p.3).

O desejo de distinguir claramente o bem e o mal revela a vontade humana inata de julgar antes de compreender, a incapacidade de aceitar a relatividade e suportar a falta de um juiz supremo. Foi tal desejo que fundou ideologias e religiões, afirmou o escritor (KUNDERA, 2004, p. 17-8). Logo, o homem somente se concilia com o romance quando traduz a linguagem de relatividade como um discurso apodítico e dogmático. Nesse contexto, mesmo que compreender o mundo a partir da ambiguidade de egos imaginários exija um esforço, se equivocam aqueles que buscam nas verdades contingentes, não um interrogante, mas uma posição moral, sentenciou (KUNDERA, 2004, p. 6-7), pois a obra possui a sua própria moral.

Rorty (2002, p. 105) identificou na literatura kunderiana uma *utopia democrática*, na qual descabe imaginar que há algo mais real do que o prazer e a dor; um estado em que tolerância e curiosidade são virtudes intelectuais primordiais que se sobrepõem à busca de uma verdade; uma comunidade utópica contrária a qualquer religião ou filosofia de Estado, que se regozija com suas idiosincrasias.

Embora incontornavelmente inserido na realidade do seu país, na obra *A brincadeira*, publicada em 1967, o autor já revelava uma dissociação e um anacronismo imprescindíveis para captar, numa relação de distanciamento singular, o escuro do seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 59). Embalado por um sentimento de idílio¹, o sonho de uma “sociedade imemorial e fascinante” demandava, ideologicamente, uma “única vontade e fé” avessa a qualquer ideia de conflito. “Idílio que supre as deficiências da própria vida, o amor, a mãe, a amante, a própria infância, elevando-as à lírica unitária da experiência, a comunidade, a ação, o futuro. Profecia armada que faz do poeta um profeta amado. Como não se render ante esse idílio e oferecer em seu altar todas as nossas ações reais, cada vez mais reais, mais concretas, mais revolucionárias?” (FUENTES, 2015, p. 3)². Movidos socialmente por uma tal expectativa de harmonia, as diferentes

1. Na acepção kunderiana, idílio importa “O estado do mundo antes do primeiro conflito; ou fora dos conflitos; ou com conflitos que não são senão mal-entendidos” (KUNDERA, 2004, p. 100).

2. FUENTES, 2015, p. 3, tradução nossa: *Idilio que suple las insuficiencias de la vida misma, el amor, la madre, la amante, la infancia misma, elevándolas a la lírica unitaria de la experiencia, la comunidad, la acción, el futuro. Profecía armada que hace del poeta un profeta amado. ¿Cómo no rendirse ante este idilio y ofrecer en su altar todas nuestras acciones reales, cada vez más reales, más concretas, más revolucionarias?*

posições do sujeito foram reduzidas a manifestações uniformes; a pluralidade de diferenças foi limitada ou descartada como contingência, estranha a uma essência que, para a ortodoxia, operava como princípio de unificação (MOUFFE; LACLAU, 2015, p. 43).

Ousando antecipar-se criticamente, Kundera relatou a subtração do presente em favor de um futuro feliz que somente décadas mais tarde foi reconhecido como existencialmente inexitoso. Mesmo que fundado numa razão cartesiana moderna, é o irracional, nas suas entranhas, que detecta no mundo europeu. Tal paradoxo da modernidade, qualificado pelo romancista como terminal³, estimula-o a voltar os olhos no tempo para captar a sua própria história.

A Memória

Explorando o passado nas peculiaridades de quatro protagonistas – Ludvik: o comunismo voltariano, Jaroslav: a tradição, Kostka: a espiritualidade; e Helena: o comunismo como fonte de um *homo sentimental* – (KUNDERA, 2015, p. 7), *A brincadeira* expôs a impossibilidade do idílio estalinista. À tese de uma universalidade absoluta opôs-se a relatividade existencial que verte dos seus personagens, fulminando a crença que embasa uma pretensa sociedade imune a controvérsias.

Se é verdade que a experiência antropológica fundamental do personagem tem raízes factuais, por outro lado, desimporta a descrição da história mesma; pensar a história na dinâmica experiencial de egos não requer a sua datação, pois a arte romanesca está na exploração do existir. “Descobrir o que só um romance pode descobrir é a única razão de um romance. O romance que não descobre uma parte até então desconhecida da existência é imoral” (KUNDERA, 2004, p. 16). Dando sequência a quatro ciclos literários dirigidos a temas existenciais que fizeram um contraponto ao racionalismo moderno⁴, a obra kunderiana, na mesma linha, se engaja no não esquecimento do ser como propôs Heidegger.

Imbuído dessa convicção, Kundera narra o infortúnio de Ludvik, protagonista central, estudante e militante do partido comunista, causado por uma carta destinada a uma amiga em que ironizava o dogmatismo partidário:

Considerando tudo com cuidado, eu, no fundo, concordava com uma das afirmações de Marketa; como ela, acreditava até na revolução na Europa ocidental; só não aprovava uma coisa: que ela se sentisse feliz e satisfeita, enquanto eu sentia a sua falta. Então comprei um cartão-postal e (para feri-la, chocá-la, desnorteá-la) escrevi: O otimismo é o ópio do gênero humano! O espírito sadio fede a imbecilidade. Viva Trótski! Ludvik (KUNDERA, [s.d.], p. 39).

Descoberta a carta, Ludvik é submetido ao julgamento dos seus correligionários: “Como foi que você escreveu aquilo, não importa. [...] você escreveu sem máscara. Sabemos que você tem muitas caras, uma para o Partido e a segunda para os outros. [...] Anunciaram-me que naquele momento me afastavam das minhas funções na União dos Estudantes” (KRISTEVA, [s.d.], p. 44).

3. “Por exemplo: a Idade Moderna cultivava o sonho de uma humanidade que, dividida entre diversas civilizações separadas, encontraria um dia a unidade e, com ela a paz eterna. Hoje, a história do planeta é, finalmente, um todo indivisível, mas é a guerra, ambulante e perpétua, a que realiza e garante essa unidade da humanidade por longo tempo sonhada. A unidade da humanidade significa: ninguém pode escapar a nenhuma parte” (KUNDERA, 2004, p. 21).

4. Segundo Kundera, todos os grandes temas existenciais que Heidegger analisa em *Ser e Tempo* e que teriam sido deixados de lado pela filosofia anterior, foram revelados, expostos e iluminados por quatro ciclos de romances nas penas de Cervantes, Samuel Richardson, Balzac, Flaubert, Tolstói, Proust, Thomas Mann etc. (KUNDERA, 2004, p. 15).

E, por fim, lhe é fixada uma pena:

A discussão aberta que se seguiu à minha intervenção autocrítica desenvolveu-se de modo desvantajoso para mim; ninguém veio em meu socorro, tanto que, no fim, todos (uns cem, entre os quais meus professores e condiscípulos mais próximos), é, todos, sem exceção, levantaram a mão para aprovar não apenas a minha expulsão do Partido, mas além disso, (o que eu não esperava em absoluto) a proibição de eu continuar os estudos (KRISTEVA, [s.d.], p. 53).

Em consequência da brincadeira e do julgamento que a sucedeu, o estudante é posto à margem da militância partidária, excluído da universidade e submetido a um processo de despersonalização durante o cumprimento do serviço militar obrigatório cuja dispensa perdera tão logo expulso do Partido.

A vingança desarmada

Anos mais tarde, a volta de Ludvik à sua cidade natal se alimenta pelo desejo de vingança. É a lembrança da punição, determinada por Pavel Zemanek, que o impacta até o presente. Porém, o reencontro com aqueles que povoaram o passado do personagem revela obstáculos que frustram essas pretensões. Mais do que valores estabelecidos, passíveis de mera reconhecimento, são valores novos, intempestivos, que dizem com o devir. O eterno retorno, o desigual, “é a lei de um mundo sem ser, sem unidade, sem identidade. Longe de supor o Uno ou o Mesmo, ele constitui a única unidade do múltiplo enquanto tal, a única identidade do que difere: retornar é o único ser do devir” (DELEUZE, 2006, p. 164). Embora aparentemente reconhecidos, esses valores se dirigem a outras forças e solicitam, nessa mesma sociedade, potências anárquicas de distinta natureza.

Todavia, em razão da imagem petrificada na memória que tem de Pavel, Ludvik nega a seu desafeto o “direito de ser uma pessoa diferente daquela que conhecera” (KUNDERA, [s.d.], p. 281), feito um Outro que subjugua as possibilidades alheias, numa leitura sartreana.

Ocorre que, atravessado pelo tempo, aquele que fora a sua sombra surpreende-o ao rejeitar as suas próprias convicções pretéritas: Pavel “parecia ter abandonado radicalmente sua atitude anterior” e se agora “vivesse em seu meio, seria, por bem ou mal, seu aliado”, reconhece (KUNDERA, [s.d.], p. 281). É que existir implica mudar (BERGSON, 2005, p. 5), num mundo em que o *Dasein* se desdobra e acontece tocado por possíveis modos de ser. Na análise heideggeriana, a possibilidade de ser é o sentido do conceito de existência. “A presença [*Dasein*] se determina como ente sempre a partir de uma possibilidade que ela é” (HEIDEGGER, 2009, p. 87). Assim, no contraponto de uma suposta essência, o ser humano se distingue por se encontrar aberto a possibilidades para além de uma realidade simplesmente presente.

À luz desse móvel, uma perspectiva temporal da vida humana – de *duração*, como quer Bergson (2005, p. 5-8) – não comporta recortes entre presente e passado; nossa duração não é um instante substituível por outro. A duração advém desde o passado e se aglutina num progresso contínuo, irrompendo o porvir num avanço expansivo. O antes e o depois se fundem, de sorte que a mudança de uma parte atinge o todo.

O perdão

Explica-se, portanto, o desfecho traçado pelo autor, pois a temporalidade supõe a novidade, o atual. Trata-se, ademais, de uma mudança que, de resto, “toda a sociedade a vivia pouco a pouco”

(KUNDERA, [s.d.], p. 281), suscitando em Ludvik um sentimento de pertença. Ao adotar normas morais comuns, nos reconhecemos reciprocamente como sujeitos que detém um valor específico para os demais, pois nos sentiríamos *insuficientes* e *incompletos* sem o respectivo Outro (HONNETH, 2007, p. 127-8). Tomado por um sentimento de perdão, o débito que atribuía a Pavel já não mais paralisa a memória e, por extensão, a capacidade de Ludvik de se projetar no porvir (RICOEUR, 2008, p. 6-7).

Explorar os efeitos causados pelo tempo acena, em Kundera, para uma memória forjada sob a opressão e o exílio experienciados pelo autor, que leva, desde o passado, algo para dentro do presente, a despeito de uma transformação contínua que se opera sobre ela. O passado que se arrasta virtualmente às suas costas verte, na atualidade, (BERGSON, 2005, 181) parte das lembranças que se expressam na sua literatura. Não menos revelador, nesse sentido, é a sua participação direta no texto. Criando um espaço para si dentro da narrativa, o autor-narrador suscita um teor de verdade para além da verdade literária (BARROSO; RICHARD, 2014, p. 3).

A Ignorância

Três décadas após a aparição de seu primeiro romance, os temas kunderianos são renovados no livro *A ignorância*, dando continuidade e resposta às obras precedentes. A esta altura, a pluralidade das lutas sociais contemporâneas já havia posto por terra o fundamento último que sustentava um imaginário político composto por sujeitos *universais*, criado em torno de uma história pretensamente singular. Nela, a sociedade apresenta uma estrutura inteligível, capaz de ser dominada intelectualmente desde certas posições de classe e forjada como ordem racional e transparente a partir de um ato fundacional de caráter político (MOUFFE; LACLAU, 2015, p. 16).

Por meio dos conflitos existenciais que se desdobram desde os personagens Irena e Josef – dois exilados –, a narrativa aborda as possibilidades que se formulam diante da volta de ambos à cidade de Praga da qual partiram vinte anos antes. As representações da memória de Irena transitam entre as sensações causadas, não por vingança, mas pela nostalgia – “o sofrimento causado pelo desejo irrealizado de retornar” (KUNDERA, 2015, p. 8) – e as expectativas de reconhecimento e de pertença que permeiam essa volta.

No sentir de Ricoeur (2008, p. 502), a memória parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua. No entanto, a fidelidade ao passado não é um dado. Ela é um voto que pode ser frustrado e, conseqüentemente, traído. As lembranças, pouco precisas, se destacam num fundo de memórias em que “podemos nos deleitar em estados de devaneios vagos” (RICOEUR, 2008, p. 41), e no qual “só se pode reter uma pequena parte do passado” (KUNDERA, 2015, p. 80). São representações que expressam a *ignorância* sobre o presente, pois “uma realidade tal qual quando ela existiu não existe mais; sua restituição é impossível” (RICOEUR, 2008, p. 81). Posicionando-se explicitamente em torno dos efeitos temporais sobre a memória em *A arte do romance*, avalia Kundera (2004: 346-7) que estamos resignados ao concreto do tempo presente. As situações mais importantes ou apreciadas, o fato concreto acústico e visual, se perdem para sempre. Logo, não conhecemos a realidade tal como é no tempo presente; este não se parece com a sua lembrança. Por isso, a lembrança não é a negação do esquecimento, mas uma forma de esquecimento que se dispersa nas dimensões da temporalidade.

A exclusão do círculo

A realidade social possui uma constituição simbólica e comporta uma interpretação em imagens e representações que se constroem a partir do vínculo social (RICOEUR, 2008, p. 86). É dizer que a memória supõe uma associação a um marco coletivo e um compartilhamento de pontos de referências sociais que permitem coordenar as recordações no tempo e no espaço. Contudo, em *A ignorância*, o desencontro de valores e interesses, o desconhecimento entre Irena e as amigas do passado, são elementos que evidenciam que, daquilo que fora um dia, quase nada mais se faz presente. Ao ofertar um vinho – hábito adquirido no exílio vivido na França – para celebrar e “reconquistar sua amizade”, as amigas, constrangidas, declaram à Irena sua “preferência por cerveja”. Irena fracassa na tentativa de dialogar por força das falas simultâneas; nenhuma delas a escuta. Mas, subitamente, “As outras mulheres a sufocam com perguntas”, o que lhe causa “uma estranha sensação que não a deixará mais”. O desinteresse por aquilo que Irena vivera no estrangeiro “amputou vinte anos de sua vida”. “Agora, com o interrogatório, tentam remendar seu antigo passado com sua vida presente. Como se lhe amputassem o antebraço e fixassem a mão diretamente no cotovelo; como se lhe amputassem a barriga da perda e emendassem os pés no joelho” (KUNDERA, 2015, p. 32-2). O Outro, neste caso, surge como aquele que *rouba* o mundo alheio, que o descentraliza para organizá-lo segundo o seu desejo; o Outro “é a morte oculta das minhas possibilidades” (SARTRE, 2009, p. 340).

Irena parece duvidar novamente do espírito que age através da língua, do Outro que está hoje ligado a um diverso sistema de valores e que quebra, por isso, qualquer acordo que viabilize o entendimento (BROCH, 2014, p. 49-51). São vozes mudas, o “burburinho terrível do mutismo”, no dizer de Broch, a mera retórica que, embora componente do linguístico, não conhece o contra-argumento, o diálogo, numa polifonia que dá cabo a uma aspirada harmonia idílica ou uma polissemia que desarticula a estrutura discursiva.

A sociedade nunca é idêntica a si mesma. Todo ponto nodal se constitui no interior de uma intertextualidade que o desborda em razão da infinitude do campo discursivo (MOUFFE; LACLAU, 2015, p. 192). Mais do que uma simples diferença, comumente se insinua uma relação de amigo e inimigo que se converte num *locus* de antagonismo. Diante de identidades coletivas que somente podem se estabelecer segundo o modo do nós/eles, relações antagônicas são naturalmente previsíveis (MOUFFE, 2012, p. 115-6).

Ao tentar se reencontrar nos modos e vestes que usava antes do exílio – uma busca do retorno –, Irena se depara, no reflexo de uma vitrine, com um modo de ser que não mais lhe pertencia: “aquela que via não era ela”. Talvez outra, “mas vivendo outra vida, a vida que teria vivido se tivesse ficado no país” (KUNDERA, 2015, p. 24). A despeito das inclinações e possibilidades suscitadas por Irena, nada delas se pode deduzir em concreto, pois, enquanto fruto dos seus atos, o ser humano só existe na medida em que os realiza.

Pontifica Honneth (2003, p. 266) que, se os sujeitos são construções dialógicas que derivam das interações intersubjetivas, o reconhecimento reclama uma composição relacional da identidade com base no respeito mútuo. São os laços recíprocos de estima social que constituem as condições sob as quais os indivíduos podem chegar a uma posição positiva frente a si mesmo, identificando-se com seus objetivos e desejos. Honneth desenvolve radicalmente essa tese, ao postular que o reconhecimento intersubjetivo de um sujeito nas distintas esferas da formação social em que se insere é condição de possibilidade de sua autorrealização.

A partir da noção de reconhecimento se desdobra um conceito de intersubjetividade, no qual diferentes formas de socialização que surgem em meio aos conflitos relacionais permitem, concomitantemen-

te, a afirmação da subjetividade autônoma e o reconhecimento social. Isto é, a relação constitutiva entre a identidade pessoal e as instituições não possui uma natureza instrumental ou de dependência orgânica. Ela reside num liame reflexivo de reconhecimento recíproco entre indivíduo e comunidade que enseja uma reconciliação entre diferença e identidade (HONNETH, 2003, p. 126).

Porém, estigmatizada pelo abandono do país natal, Irena se depara com um sofrimento de indeterminação que vaga entre o nativo e o estrangeiro, findando por atingir uma sensação de não-pertencimento, de um exílio que se prolonga, esboçados nesses termos:

Vinte anos da minha vida passados no estrangeiro se transformarão em fumaça numa cerimônia sagrada. E as mulheres cantarão e dançarão comigo em volta da fogueira com suas canecas de cerveja erguidas na mão. É o preço a pagar para que eu seja perdoada. Para que torne a ser uma delas (KUNDERA, 2015, p. 33).

A ignorância nostálgica que envolve as diferentes realidades provoca uma exclusão do círculo (BARROSO; RICHARD, 2015, p. 10) que assegura a evocação contínua da lembrança, pondo por terra o *grande retorno* projetado no exílio. Distintas formas de vida sabotam a intersubjetividade e inviabilizam uma fusão de vozes rumo ao reconhecimento.

O esquecimento

Frustrado com o desfecho sócio-político de seu país, marcado pela humilhação e submissão à política externa, o personagem Josef abandonara a Tchecoslováquia seguro dessa decisão. Sua nostalgia, marcadamente débil, parecia não justificar o retorno. “Mas Josef não se julga doente. Considera-se lúcido, a insuficiência de nostalgia é para ele a prova do pouco valor de sua vida passada” (KUNDERA, 2015, p. 51), salienta o narrador. “Corrijo portanto meu diagnóstico: ‘O doente sofre de deformação masoquista de sua memória.’ Na verdade, não se lembra a não ser das situações que o tornam insatisfeitos consigo mesmo” (KUNDERA, 2015, p. 50-1).

No caminho das recordações negativas registradas por Josef se acham os obstáculos para o retorno das suas imagens (RICOEUR, 2008, p. 452). Ademais, as lembranças positivas, grande parte forjadas já na vida adulta, prenunciam a finitude do *Dasein*, demandando uma firme aposta no tempo presente.

O Dissenso

A crença no fim do antagonismo – ou no “estado do mundo antes do primeiro conflito” (KUNDERA, 2004, p. 100), o idílio – aponta para uma incapacidade de captar a natureza do ser e do político. O dissenso, desde uma perspectiva de pluralidade social, é um item que lhes é intrinsecamente constitutivo. Assentadas no reconhecimento do conflito e na sua legitimação, é próprio das democracias modernas a recusa em suprimi-los por meio da imposição de uma ordem autoritária. Ideologias voltadas à instituição de uma verdade única ameaçam o pensamento não positivista cujo espírito criativo, ao contrário, é profundamente ligado à historicidade dos valores.

Também o romance, enquanto revelação das idiossincrasias humanas, é ontologicamente avesso a concepções totalizantes – verdades sacramentadas excluem a interrogação que lhe é peculiar.

Uma criação contínua e incessantemente renovada da vida refuta uma pretensa razão com apoio em premissas dadas. Se o homem é poder-ser, não parece admissível concebê-lo como um todo absoluto, senão como uma estrutura de aberto incumprimento. Por isso, a memória, sujeita constantemente a uma reelaboração do passado desde o presente, não é estática. Difusa, em constante evolução e permanente fluxo, toda lembrança evocada se sujeita aos filtros do presente e ao inusitado que essa atualização implica.

Examinar o mundo da vida não afasta a análise da opressão e dos desejos e crenças não compartilhados. Antes, revela a Kundera um âmbito paradoxal da irracionalidade do homem que demanda compreensão. Existem territórios desconhecidos da existência cuja transformação ou não em realidade é secundário. Seja qual for o resultado, ao romancista incumbe, antes de tudo, acompanhar e tentar compreender o gesto humano em todas suas possibilidades.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesco. Chapecó/SC: Argos, 2009.
- BARROSO, Maria Veralice; BARROSO, Wilton. *Don Juan e os Paradoxos Terminais da Modernidade na Obra de Milan Kundera*. Disponível em: <http://2014.revistaintercomercio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/282/238.pdf>. Acesso em 15 maio de 2015.
- BARROSO, Maria Veralice; RICHARD, Rosimara. *Pertencer ou não pertencer ao círculo: narrativas do exílio em Milan Kundera*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/277880590/Pertencer-Ou-Nao-Pertencer-Ao-Circulo-Narrativas-Do-Exilio-Em-Milan-Kundera>. Acesso em 15 de maio de 2015.
- BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BROCH, Hermann, *Espírito e espírito de época*. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Benvirá, 2014.
- DELEUZE, Gilles. Conclusões sobre a vontade de potência e o eterno retorno. Trad. Luiz L. B. Orlandi. In: *A ilha deserta e outros textos*. edição preparada por David Lapoujade; organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta*. Trad. Flávio Paulo Meurer. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FERNÁNDEZ, Paloma Aguilar. *Políticas de la memoria y la memoria de la política*. Madrid: Alianza Editorial, 2008.
- FUENTES, Carlos. *Milan Kundera: el idilio secreto*. Disponível em: <http://www.elbarrioantiguo.com/milan-kundera-el-idilio-secreto/>. Acesso em 15 de maio de 2015.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 4ª ed., trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HONNETH, Axel. *Sofrimento de indeterminação*. Trad. Rúrion Soares de Melo. São Paulo: Esfera Pública, 2007.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- KUNDERA, Milan. *A brincadeira*. Trad. Teresa São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- _____. *A ignorância*. Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.
- _____. *El arte de la novela*. Barcelona: Tusquets Editores, 2004.
- _____. *Los testamentos traicionados*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/144200309/Milan-Kundera-Los-testamentos-traicionados-pdf>. Acesso em 15 de maio de 2015.
- MOUFFE, Chantal; LACLAU, Ernest., *Hegemonía y estrategia socialista*. Disponível em: http://www.perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/laclau_ernesto_-_hegemonia_y_estrategia_socialista_pdf.pdf. Acesso em 15 de maio de 2015.
- MOUFFE, Chantal. *El paradoja democrática*. Barcelona: Gedisa, 2012.

PAULINO, Itamar Rodrigues; BARROSO, Wilton. Fuentes e Kundera. *Distinções e aproximações na Arena do Romance*.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e ideologia*. Trad. Hilton Japiassu. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *O perdão pode curar?*. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/paul_ricoeur_o_perdao_pode_curar.pdf. Acesso em 09 de outubro de 2015.

_____. *Memória, história, esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

RORTY, Richard. *Ensaio sobre Heidegger e outros*. Trad. de Luiz Henrique de Araújo Dutra. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues, 18º ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

*Recebido em 12 de outubro de 2015.
Aprovado em 18 de novembro de 2015.*

